

Reforma Curricular do Departamento de Geografia Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Marcos Antônio Campos Couto*
ilanamarcos@uol.com.br

*Saber pensar o espaço,
para saber nele se organizar,
para saber ali combater¹*

Introdução

O objetivo do presente texto é registrar uma parte da história e sintetizar alguns dos eixos centrais da reforma curricular do curso de Licenciatura Plena do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Devo reconhecer que muitas idéias contidas aqui, misturadas e/ou reconstruídas, não são originariamente nossas, embora seja a nossa responsabilidade pelo seu conteúdo. Elas constituem frutos de uma construção coletiva, dos vários e intensos debates, iniciados em 1998, para a reforma curricular do curso de Geografia².

Embora pareça que o produto principal da reforma curricular seja um novo arranjo da grade de disciplinas, avaliamos que tão importante quanto o produto seja quando nos transformamos no processo de sua reconstrução que este texto busca, em parte, documentar.

A Função Social da Geografia

Quando Lacoste (1988) propõe que a função da Geografia é a de ajudar o cidadão a saber pensar o seu espaço (diríamos hoje: saber pensar o espaço para saber pensar a própria sociedade), o que estava em jogo não era apenas um caminho teórico-metodológico; pois para ele a Geografia, sendo um saber estratégico, serve para a guerra, para o combate entre nações, empresas, classes sociais, Estados, etc. Por isso que a expressão “saber pensar o espaço, para saber nele se organizar e para saber ali combater” é uma bandeira de luta, que envolve uma chamada à produção do conhecimento, comprometido com a organização da população para o velho e atual combate contra esta forma de sociabilidade burguesa e todas as suas mazelas sociais, culturais, ambientais.

Esta concepção de ciência/Geografia institui um primeiro eixo: é necessário pensar um currículo estruturado em torno de idéias e atividades que incluam: produção do conhecimento, organização da população e intervenção política na realidade sócio-espacial.

Outro caminho para a definição da função social da Geografia é o estabelecimento de diferenças (sem perder a unidade de princípio) profissionais, de acordo com os espaços nos quais os geógrafos irão atuar. Neste caminho, é necessário que tenhamos em mente a função social dos órgãos de planejamento e, sobretudo, a função social da escola que, articulados a função da Geografia, exigirão determinadas competências profissionais. Entretanto, esta diferenciação não exige, necessariamente (como se quer convencer), a existência de um curso de licenciatura e outro de bacharelado. Em ambos os casos, a formação pode e deve ser balizada pelos 3 eixos anteriormente indicados (ou por outros). Embora uma sala de aula não seja equivalente a uma sala de planejamento, desejamos que tanto uma quanto a outra, sejam espaços em que se produzam/construam conhecimentos com e para a população, com e para o combate. As competências pedagógicas, que alguns podem afirmar como sendo aquilo que distingue o licenciado em Geografia, não podem estar ausentes na formação do bacharel, se assumirmos a perspectiva que estamos propondo. Ou seja, planejar a organização do território pressupõe um relação pedagógica (e política) com a população (seus

saberes, perspectivas, angústias, desejos, sonhos...) sobre a qual as ações de planejamento irão ocorrer.

“Ser” bacharel ou “ser” licenciado não tem como premissa determinado eixo epistemológico ou técnico, pois constitui uma circunstância de nossa inserção no mercado de trabalho. Aliás, nos tornamos profissionais de fato, não na universidade, mas em nossas práxis, em nossas inserções no mundo do trabalho. É a partir daí que desenvolveremos/aprofundaremos mais determinados aspectos de nossa formação geral universitária, coerentes com as necessidades e desafios que a nossa prática profissional exigir.

De qualquer forma, é indispensável acrescentar à idéia do papel da Geografia, a função social das instituições nas quais irão atuar os seus profissionais, sobretudo a natureza, a história, as tradições da escola³ no contexto da sociedade (GRAMSCI, 1988).

Daqui surge o segundo eixo articulador: é necessário pensar um currículo que inclua a investigação da natureza social das instituições onde irão atuar os geógrafos. Avaliamos que este seria o elo que vincula a formação acadêmica à prática profissional, a articulação teoria-prática e ensino-pesquisa-extensão.

Da função social ao perfil do profissional da Geografia

Da função social da Geografia deriva o perfil do profissional que queremos formar. Re-produzimos alguns traços deste perfil estabelecidos no I Seminário Interno do Departamento de Geografia da FFP-UERJ (2000):

Professor (pesquisador ?), é aquele que desenvolve em si e em seus alunos a capacidade de analisar e interpretar a realidade, a partir das necessidades da maioria da população. Produção e reprodução do conhecimento devem se relacionar permanentemente através da transmissão de conteúdos e dos princípios básicos da construção de conhecimentos: a observação, o registro, a reflexão, a análise, a síntese, o conceito, a avaliação, o planejamento, etc. Esta perspectiva deve orientar os objetivos escolares, as metodologias, os instrumentos didáticos, a avaliação, a gestão da escola, etc.

É preciso formar professores-pesquisadores, aptos a analisar e interpretar a realidade, transferindo esses conhecimentos, estimulando os seus alunos na busca do conhecimento.

O DGEO deve aproveitar/potencializar a relação Geografia/educação presente na FFP, através da produção de uma Geografia seriamente voltada para a educação, com mais trabalhos sobre educação. A partir dos temas próprios à cada área ou disciplina, estabelecer vinculações com a educação. A Geografia tem muito a contribuir na análise do cotidiano dos alunos, por intermédio da escola.

O objetivo é a formação integral do geógrafo, desenvolvendo a capacidade de fazer com os alunos entendam as categorias geográficas, conheçam os instrumentos intelectuais/técnicos (conceitos, categoriais, técnicas) fundamentais para analisar e interpretar, contribuindo para mudanças da realidade. A formação, nestes termos, se aplica ao que hoje denominamos bacharel e licenciado. Contudo, é necessário destacar que a produção/reprodução do conhecimento geográfico, implica no desenvolvimento de nossa capacidade de analisar as condições em que ela se realiza. Esta é a razão pela qual devemos desenvolver a nossa capacidade de analisar o espaço, acrescida da capacidade de interpretar o ato educativo: seus objetivos, metodologias, instrumentos, planejamento, avaliação, etc.. Neste sentido, a relação teoria-prática deve estar atravessada por dois objetos: o espaço geográfico e a escola.

Do perfil do profissional às condições de sua formação

Os fins exigem os meios: a função social da Geografia e o perfil do seu profissional, nos termos acima expostos, exige e indica algumas atividades que deverão compor a nossa estrutura curricular. Assim, ela deverá contemplar atividades (cargas horárias) de:

Produção (estrito senso) do conhecimento através das disciplinas do Departamento no contexto sócio-espacial local, regional e nacional e através de sua participação nos Encontros Nacionais, Regionais, Locais, da Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB, do Movimento Estudantil, do Fórum de Cidades, Congressos Sindicais dos Professores, de outros movimentos sociais, etc.

Além desses diferentes espaços de cognição (de construção de conhecimento), as temáticas da produção do espaço e da natureza das instituições onde irão atuar os profissionais da Geografia, deverão constituir eixos estruturantes das disciplinas da nova grade curricular.

Diante desses eixos estruturantes, qual deverá ser o papel da Climatologia, da Geografia Urbana e Agrária, da Geomorfologia, da Pedologia, da Geografia Regional e da População, da metodologia do Ensino, da Monografia?

Este caminho nos obriga a pensar os objetivos e conteúdos de nossas disciplinas, articulando o seu estatuto teórico-metodológico específico aos eixos estruturantes que estabelecem a função social da Geografia e do seu profissional, bem como a investigação da escola. O nosso ponto de partida, como não poderia deixar de ser, são as nossas "especialidades" e áreas de interesse; mas é indispensável construir uma proposta curricular e programática que seja parte de um todo coerente e articulado. Avaliamos que aqui está o maior desafio de qualquer reforma curricular: a reestruturação das ementas e programas das disciplinas que expresse a sua particularidade e, ao mesmo tempo, a sua articulação com os eixos integradores do currículo.

Neste momento (novembro/2002), os professores das diferentes disciplinas que compõem o currículo em vigor estão se reunindo em grupos (Metodologia, Geografia Humana, Geografia Física, Metodologia e Prática de Ensino, etc) para, coletivamente, propor uma grade e um projeto para cada uma das disciplinas da área. O objetivo é que, após o debate de todos estes projetos de disciplinas e grades, possamos, no colegiado do Departamento aprovar o novo currículo.

Conclusão: Reforma Curricular e Projeto de Departamento

Estamos buscando visualizar uma estrutura curricular de um jovem Departamento (instituído em 1995) que se insira em um projeto maior, um projeto de educação e de país:

O Projeto do DGEO se insere em um projeto maior, um projeto de educação, onde se estabeleça o papel e as intenções da Universidade (a FFP mais especificamente) na estrutura do capitalismo brasileiro e na atual conjuntura.

Construir uma forma particular de consciência, isto é, aquela que permita interpretar as condições de vida da maioria da população, das classes trabalhadoras, através das contradições do capitalismo, dos seus conflitos sociais, políticos, econômicos, ambientais, geográficos.

Fortalecer através do ensino, da extensão e da pesquisa científica a luta da população pela democracia e por melhores condições de vida. Este objetivo pressupõe uma relação de intercâmbio permanente entre a Universidade-FFP e os movimentos sociais.

(I SEMINÁRIO INTERNO, DGEO-FFP-UERJ, 2000)

Assim, o Departamento de Geografia poderá, de fato, ser um espaço de trabalho coletivo, de produção de conhecimentos, de debates, de cultura e de organização. Esta é uma concepção de escola que vale tanto para o ensino superior quanto a escola básica.

Notas

*Prof. Assistente, Dgeo-FFP/UERJ.

1. Título de um dos últimos capítulos do livro "A Geografia – Isso Serve, em Primeiro Lugar, Para Fazer a Guerra", de Yves Lacoste (1988.)

2. *A agenda de debates e atividades propostas para a reformulação do currículo, aprovada em reu-*

ção do Departamento em 09 de dezembro de 1998, constituiu-se de seis momentos fundamentais:

A delimitação de parâmetros de uma concepção de currículo; a avaliação do atual currículo;